



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS - CAMPUS GURUPI
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS/TEATRO**



GURUPI

2018

ORCILENE TÔRRES FERREIRA DOS SANTOS

**MENINAS DE LAÇOS: curso de licenciatura em artes cênicas reverberando a força do
feminino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes
Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus
Gurupi, como exigência à obtenção do grau de
Licenciado em Artes Cênicas/Teatro.

Orientadora: Professora Ma. Marli Fernandes
Magalhães

GURUPI

2018

SANTOS, Orcilene Tôrres Ferreira dos

Título: Menina de Laços: Curso de Licenciatura em Artes Cênicas reverberando a força do feminino/ Orcilene Tôrres Ferreira dos Santos. – Gurupi -TO, 2018.

41 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi-TO, 2018.

Orientadora: Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães.

1. Alma Feminina. 2. Sociedade. 3. Educação. 4. Ser Humano. 5 Sociedade.

ORCILENE TÔRRES FERREIRA DOS SANTOS

**MENINAS DE LAÇOS: curso de licenciatura em artes cênicas reverberando a força do
feminino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Teatro
do Instituto Federal do Tocantins – campus Gurupi,
como exigência à obtenção do grau de Licenciado
em Artes Cênicas/Teatro.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA AVALIADORA

Prof^a. Ma. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Prof^o. Esp. André Luiz Moura Siqueira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

À minha querida filha o maior amor que já senti nesse universo, que me fez saber o que é o certo, nas minhas escolhas tive sua participação. Sempre preocupada e cuidadosa, seguimos juntas como se fossemos sons de musicais, entoando bem de leve o amor em nossos corações. Aproveitamos o tempo máximo que temos, com seu amor me evolve nos momentos de aflição.

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Jesus, por ser minha direção em toda minha trajetória.

À minha querida avó meu porto seguro Cassiana Batista Torres (*in memória*), ao meu pai Ednon Ferreira dos Santos (*in memória*), minha mãe Maria de Fátima Torres e aos meus filhos Anna Hérika Torres Dourado e o meu segundo filho que se chamaria Helias Torres Dourado (*in memória*).

Ao meu esposo, que me auxiliou com minha filha, apesar de suas formas de pensar, se não fosse seu apoio de pai não teria como participar dos eventos, os Cursos de Extensão que contribuíram para minha graduação.

Às minhas amigas irmãs, Lêda Campos de França, Divina Eterna Correia Rocha, Marli Maria Correia, Marlene Maria Correia, pessoas que nunca me abandonaram no decorrer da minha vida em todos os momentos lá estavam vibrando com cada conquista que obtive em minha vida.

À minha orientadora, Professora Ma. Marli Fernandes Magalhães, que se disponibilizou em proporcionar uma forma de orientação para que juntas tivéssemos uma melhor compreensão, deixando-me a vontade, que expusesse os meus questionamentos na hora de escolher o tema da minha pesquisa, diálogos e sugestões foram primordiais para finalizar minha pesquisa.

Aos demais docentes Brenno Jadvas Soares Ferreira, André Luiz Moura Siqueira, Diogo Sanquetta de Oliveira, Helber Veras Nunes, Milene Lopes dos Santos Queta, Daniella Inácio Barros, José Wellington Abreu Pereira, Marcelo Alves Terra, Ricardo Alencar Libório, Rony Von Ribeiro de Souza, Antônio Carlos Gomes Rêgo, Paulo Sérgio Rocha Lima, Demis Carlos Ribeiro Menezes, Edna Maria Cruz Pinho, Pablo Marquinho Pessoa Pinheiro.

A todos os servidores do IFTO, que com suas dedicações contribuíram para minha formação e principalmente os servidores da Fênix Comercial LTDA.

“A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de (re) construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante saber da experiência, e colocando a reflexão sobre a prática e a experiência como fatores primordiais no processo de formação.”

Antônio Nóvoa

RESUMO

O material aqui apresentado é oriundo de anseios vivenciados em uma trajetória de vida, na qual a pesquisadora se deparou com realidades movedoras de sentimentos, os quais transformaram linhas de raciocínios ao adentrar-se no Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus - Gurupi*. Momento em que questões foram surgindo sobre a aprovação de desejos e sentimentos atribuídos à mulher ou a alma feminina, no que se refere a expor sentimentos, sentimentos estes, podados, castrados pelo parentesco e pela sociedade. Ao iniciar o Curso de Artes Cênicas no IFTO, a acadêmica se deparou com um universo questionador, desafiador e ao mesmo tempo propulsor de atitudes que dão possibilidades de indagar e afrontar informações que vêm do meio, mas que nem sempre lhes são aceitas enquanto alma feminina. Trouxe a possibilidade de escolhas outras. Os resultados da pesquisa, transformados em texto, transitem entre as veredas da sala de aula, das interpretações teatrais, das imposições feitas a essas almas femininas que almejam nada mais, nada menos, que a liberdade de expressão e a valorização do “eu”. Desse modo após uma longa jornada acadêmica a pesquisadora anseia compartilhar com o leitor o que lhe atravessa, lhe move e instiga, trazendo a ideia de que vontades, desejos, ansiedades são do próprio ser e que não devemos deixar que nos imponham algo, que você não acredita, somos donos da nossa sabedoria e da valorização do nosso “eu”. “Eu” professor, “eu” atriz, “eu” pessoa, “eu” mulher.

Palavras-chave: Alma Feminina, Educação, Liberdade, Ser Humano, Sociedade.

RESUMEN

El material aquí presentado es oriundo de anhelos vivenciados en una trayectoria de vida, en la cual la investigadora se deparó con realidades movedizas de sentimientos, los cuales transformaron líneas de raciocinios al adentrarse en el Curso de Graduación de Licenciatura en Artes Escénicas del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Tocantins, Campus - Gurupi. Momento en que cuestiones surgieron sobre la aprobación de deseos y sentimientos atribuidos a la mujer o al alma femenina, en lo que se refiere a exponer sentimientos, sentimientos estos, podados, castrados por el parentesco y por la sociedad. Al iniciar el Curso de Artes escénicas en el IFTO, la académica se encontró con un universo cuestionador, desafiante y al mismo tiempo propulsor de actitudes que dan posibilidades de indagar y afrontar informaciones que vienen del medio, pero que no siempre les son aceptadas como alma femenina . Ha traído la posibilidad de otras opciones. Los resultados de la investigación, transformados en texto, transitan entre las veredas del aula, de las interpretaciones teatrales, de las imposiciones hechas a esas almas femeninas que anhelan nada más, nada menos, que la libertad de expresión y la valorización del yo. De ese modo después de una larga jornada académica la investigadora anhela compartir con el lector lo que le atraviesa, le mueve e instiga, trayendo la idea de que voluntades, deseos, ansiedades son del propio ser y que no debemos dejar que nos impongan algo, que usted no cree, somos dueños de nuestra sabiduría y de la valoración de nuestro "yo". "Yo" profesor, "yo" actriz, "yo" persona, "yo" mujer.

Palabras clave: Alma Femenina, Educación, Libertad, Ser humano, La sociedad.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Projeto ‘Introdução Crítica aos Direitos Humanos das Mulheres’	19
Figura 2 – costurando nossos projetos.	26
Figura 3 - apresentação das obras literárias como proposta para a culminância.....	28
Figuras 4 e 5 – trabalho com recortes/ trabalho pronto exposto no mural da escola.	30
Figuras 6 e 7 – momento de preparação para apresentação.	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	14
1.1 Projeto Introdução Crítica aos Direitos das Mulheres: Afirmação de Ideias.....	16
1.2 As Minhas Percepções Depois do Curso.....	19
2. OBRIGATORIEDADES PARA SER MULHER.....	23
2.1 Projeto: Meninas de Laços.....	25
2.2 O Talento no Mercado de Trabalho	31
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
4. REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada é oriunda de anseios vivenciados em uma trajetória de vida, na qual a pesquisadora aqui presente se deparou com realidades movedoras de sentimentos, os quais transformou linhas de raciocínios ao adentrar-se no Curso de Graduação de Licenciatura em Artes Cênicas. Seguirá uma discussão a respeito de momentos em que questões foram surgindo sobre a aprovação de desejos e sentimentos atribuídos à mulher ou à alma feminina.

Desta forma, o capítulo 1 traz o relato de experiência, que busca descrever as vivências da autora que contribuíram para o aprimoramento do próprio empoderamento feminino, bem como as minhas percepções depois do curso sobre direitos humanos das mulheres; o capítulo 2 trata das obrigatoriedades para ser mulher, onde é abordado sobre a distinção de gêneros no mercado de trabalho e na vida familiar, ressaltando o projeto meninas de laço e a importância do talento no mercado de trabalho.

O Curso de Licenciatura, que é um formador de docentes, faz o indivíduo se questionar, tentando encontrar respostas para momentos da trajetória de vida, nos quais o ser humano não se coloca, deixando que o outro fale por si, imponha suas vontades reprimindo a vontade do próprio ser.

Houve na trajetória do curso a possibilidade de aparar essas arestas, formando um Artista Educador com propriedade para passar aos seus futuros discentes o que foi aprendido no curso, para formação do indivíduo com voz própria e capacidade de raciocínio sobre questões como, sexualidade, liberdade de expressão, preconceitos e vários outros temas que nos atravessa e nos faz indagar nossas próprias vivências. O texto que segue trará reflexões possibilitando análises e entendimentos.

Após uma longa jornada acadêmica a pesquisadora anseia compartilhar com o leitor o que lhe atravessa, lhe instiga trazendo a ideia de que vontades, desejos, ansiedades são do próprio ser e que não devemos deixar que nos imponham algo, somos donos da nossa sabedoria. Essa consciência veio na montagem cênica: Vestido de Noiva, obra de Nelson Rodrigues, no 2º período do curso, de quando os discentes da disciplina foram instigados a vivenciarem na cena, ações totalmente contrárias à moral e costumes do cotidiano de cada um. Momento que a pesquisadora começou a entender questões de sua trajetória, que procurava se manifestar enquanto mulher, enquanto sedutora e sem tabus.

A acadêmica se aprofundou em um universo de questionamentos sobre o que a alma feminina se sujeita para satisfazer a opinião da sociedade egoísta e impositiva de valores.

Lembrando que os participantes do curso, alguns deles homossexuais ou mesmo pessoas castradas em sua liberdade de expressão, encontram no curso um lugar de busca de respostas. Um momento marcante do curso foi a participação na oficina de Planejamento e Elaboração de Projetos Culturais ministrada pela Gestora Cultural Eliene Rodrigues de Oliveira, foi exatamente nessa oficina que verificou-se a possibilidade de colocar em prática um anseio de projeto, Meninas de Laços, trabalho de fundamental importância para construção da identidade da pesquisadora.

Essa produção acadêmica transitará entre as veredas da sala de aula, das interpretações teatrais, das imposições feitas a essas almas femininas que almejam nada mais, nada menos que a liberdade de expressão e a valorização do eu. Para melhor entendimento sobre o que instigou esses estudos, a pesquisadora relatará situações do seu desenvolvimento humano, no lar ou na escola, que a trancafiou em um mundo submerso de atitudes e que só na vivência no curso de Artes Cênicas, percebeu que suas ações, seus entendimentos seriam controladores de saberes e quebras de tabus, permitindo que sua alma feminina se revelasse sem constrangimento ou vergonha de ser mulher. Por isso o leitor deparará com relatos em primeira pessoa, sempre que se referir à trajetória da pesquisadora.

1. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ao ter contato com a disciplina de Interpretação I, no 2º período com a docente Marli Fernandes Magalhães, tivemos a oportunidade, eu e minha turma, de encenarmos: Vestido de Noiva, obra trágica de Nelson Rodrigues. Quando começaram os ensaios percebi a dificuldade para colocar em prática as indicações da professora, mesmo ela indo para cena, explicando várias vezes, repetindo até ficar clara a cena, a dificuldade permanecia. A intensidade da voz ficava baixa pelo nervoso de estar em cena, o corpo tremia cada passo quando ela mencionava para com o “palco quente¹”, “cadê a fé cênica”, fazia que eu percebesse a necessidade de entrega, de abertura corporal, mas tive e tenho dificuldade de ir para cena, dificuldade com a aceitação do colega em cena, olhar para o colega em cena e contracenar, como personagem, e saber não levar para cena as indiferenças do cotidiano.

Um processo de aprendizado, assistindo a um programa de televisão, ouvi Antônio Fagundes dizer em uma entrevista à Rede Globo; “Teatro não nos cura, mas nos transforma”, digo que comigo funcionou, não sou e não serei a mesma de quando entrei no Curso de Licenciaturas em Artes Cênicas, pois quando o colega de cena, em momento que esquecer sua fala, devemos ser generosos e compreender. Tive que lutar muito para aceitar qualquer apontamento de colegas, se não fosse feito pela docente da disciplina, Marli Fernandes Magalhães, logo repelia, achava que o colega não tinha sequer o direito de fazer qualquer comentário.

Digo que os apontamentos feitos naquele momento fez com que pudesse crescer, mas naquele início do curso me incomodava. Hoje estar em cena é satisfatório, atuar, ensinar os discentes nos estágios é gratificante. Já em relação às críticas, aprendi a lidar, sem elas não cresceríamos e ficaríamos acomodados. O fato é que quando sabemos aceitar, analisar com maturidade, entendemos que o crescer tem suas etapas e atualmente sou fortalecida como atriz, docente e artista educadora.

Entretanto as mudanças são construídas a seu tempo. Não existem fórmulas, para cada um vai sendo gradativamente construído, e os olhares que vinham em minha direção, que acanhavam, que me corrigiam, são vistos hoje com outro olhar. Creio que tenho outra visão, estávamos ali com os mesmos objetivos, estar em cena em um processo que envolvia a todos, respeitando as diversidades de pessoas.

¹ Palco quente: ocorre quando o ator, que, por ansiedade ou esquecimento do texto, se movimenta sem justificativa de ação, pisoteando o chão como que se o palco estivesse quente.

Se não houvessem as brincadeiras nesses momentos ficaria insuportável o processo. Tenho que admitir que foi válido, mas às vezes aconteciam questionamentos, por alguns instantes ríamos de nós mesmos, tudo fazia parte de um processo de criação de cena e desenvolvimento próprio. O aprendizado abraçava não somente o fazer teatral, mas intrínseco a ele, vinha o aprendizado de ser humano, conviver com o outro, entender que o que o docente usa com um, nem sempre é propício a todos, não existe manual, o professor usa de estratégias para abarcar a todos, tudo em prol da cena.

Sendo assim os dias de aulas foram seguindo com os ensaios, as marcações de textos, ou seja, repetir o texto, como era difícil, o estar diante de colegas que precisavam apreender juntos, pois não tinha como fazer individualmente, trabalhar o respeito mútuo, as diferenças de pensar de cada um, aprendem e reaprendem em cada aula, que todos temos dificuldades diante daquilo que não conhecemos, mas ao admitir que somos falhos e temos também dificuldades em sermos ensinados, pensar que tudo segue seu curso.

Ouvia sempre a professora dizer que temos que ser generosos, ela sempre afirmava que enquanto nós não aprendermos que no Teatro ninguém trabalha sozinho, as coisas não funcionariam, ela dizia; “ninguém sabe tudo”. Era só um colega esquecer suas falas que começavam todos a dirigir o espetáculo, parece que todos se tornavam diretores de todos. A princípio duvidava que continuaria no curso, mas estou aqui, tive que ir mudando meu modo de pensar em relação ao outro, admitir que somos todos do meio, que estamos naquele momento de socialização. Aprendi a me inserir no universo teatral e respeitá-lo.

Assim sendo, cada um tem a possibilidade de adaptar-se ao meio, de acordo com seus princípios, pois as dificuldades que tinha foram sendo sanadas no decorrer do curso, hoje venho explorando outras experiências como pesquisadora do meu corpo. A cada ensaio, nas aulas de Interpretação I do 2º período, o que faz parte do que sou hoje, do que me tornei dentro do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, contou para esse crescimento.

No momento em que a docente colocou para experimentar o figurino da personagem Madame Clessi, ao contracenar com seu namorado ele pergunta: “Quer ver meus coelhinhos no quintal?”, depois continua Madame Clessi (meiga): “Tem uns tão bonitos!”, foi onde tudo começou a mudar dentro do meu “eu”, a forma de interpretar essa personagem, os personagens dessa peça mudou completamente o que esperava do Teatro, pode-se dizer que não consegui sair do curso, o que fora cogitado, comecei a interessar-me pelo ensino do Teatro. O desenrolar dessa paixão seguiu seu curso, comecei a trabalhar os personagens e levá-los em todos os lugares, conversar como se fosse os personagens e respeitei cada personagem que interpretei, levando cada um com o seu modo de ser para cena. Todos os outros processos foram

acrescentando no aprendizado, por ter tido uma docente que teve um olhar de igual para todos em sua aula, sabendo identificar as dificuldades de cada um, as quais foram corrigidas em rodas de conversas depois de cada ensaio.

Neste sentido o professor Arte/Educador precisa ter um olhar diferenciado para cada aprendiz e quem ensina precisa reconhecer as suas descobertas, todos ganham dessa forma, principalmente os discentes. Descobri que ao criarmos métodos juntos e construirmos nossas histórias teremos condições de não ser o docente dos conteúdos, ou seja, prática e teoria estão lado a lado nesses processos educacionais, caminhando todos chegarão, correndo também, mas parados não chegaremos a nenhum objetivo, porém construindo juntos em relação ao saber, o importante é que sempre tenhamos aberturas para aprender uns com os outros. A figura do professor é muito importante para essa juntada de saberes.

E nesses encontros e desencontros, quando o professor descobre os talentos de seus discentes, é certeza que tivemos um educador que parou e compartilhou o que apreendeu com seus professores, que se tornou outro ser “professor”, um ser construtor de vidas, que passa por nós e vai seguindo em sua trajetória a continuar ensinando, depois de cada despedida, assim a vida de um professor é primordial para formar outro professor. Esse formador de vidas terá a certeza que inseriu de alguma forma, desejo de seguir em frente no outro, um “soltar a mão” e deixar caminhar sozinho, esse tipo de professor faz a diferença.

1.1 PROJETO INTRODUÇÃO CRÍTICA AOS DIREITOS DAS MULHERES: AFIRMAÇÃO DE IDEIAS

No 5º período da graduação de Licenciatura em Artes Cênicas do Campus Gurupi, do Instituto Federal do Tocantins (IFTO), ao participar do curso de extensão: “Introdução Crítica aos Direitos Humanos das Mulheres”², adquiri outro olhar sobre a potencialidade da mulher. O objetivo foi discutir a importância do empoderamento feminino, o encontro aconteceu no dia 18 de abril, foi realizada uma manifestação silenciosa. Discuti-se com a comunidade aspectos relacionados aos direitos da mulher e como combater o “machismo”. A primeira edição do projeto foi realizada de março a abril de 2016, o êxito da proposta garantiu a continuidade no ano de 2017.

A formação no curso de extensão aponta a violência que muitas mulheres vêm sofrendo no decorrer de sua trajetória, desde os tempos primórdios. O foco do estudo esteve nas lutas

² Introdução Crítica aos Direitos Humanos das Mulheres, ministrado pelo Instituto Federal do Tocantins, em 18 de abril de 2017.

enfrentadas por essas mulheres, que perceberam na educação a única maneira de ter voz ativa. Ao participar do curso de extensão, percebi o quanto este foi importante para que entendesse as violências sofridas por essas mulheres, porém vários tipos de violências sofridas por elas sequer são identificadas.

Existe a violência simbólica, ou seja, um conceito social elaborado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (2012), o qual aborda uma forma de violência exercida pelo corpo sem coação física, causando danos morais e psicológicos, uma violência simbólica muito comum entre as formas de tratar as pessoas que levam a vida toda como brincadeira. Tipo de violência muito vivenciada e raramente denunciada, que muitas mulheres vivenciam todos os dias, ou pela família ou pela sociedade, talvez em ambiente de trabalho ou na escola, em contra partida, que ao meu entender, a sociedade não se sensibiliza com tantos tipos de violências que vem acontecendo na atualidade. A violência simbólica se encontra por detrás de ações cotidianas, onde, por exemplo, o homem diz à sua esposa “você está feia com essa roupa”.

Sufrimentos estes que são percebidos dentro do ambiente escolar, estes discentes chegam à fase adulta e não percebem o porquê de tantos transtornos, mães passam para os seus filhos suas problemáticas, é visível também em crianças, suas atitudes nos faz perceber variações de temperamento e conduta alterados pela violência simbólica. Este discente tem dificuldades de aprendizados que não são diagnosticados, levando em transtornos irreversíveis. No curso fizeram-se abordagens expondo sobre a trajetória da mulher na sociedade, pude perceber que poderia utilizar do aprendizado para trabalhar em sala de aula, de formas variadas.

O Curso de Artes Cênicas nos proporciona a reflexão no âmbito das condições humanas, sobre gênero, religião e política, se percebe a liberdade de discurso, o não empoderamento de preconceitos, a aceitação do outro, que deve ser natural, é às vezes percebida de maneira a não suscitar discussões preconceituosas, sem distinções, valorizando nossos estudantes disponibilizando um ambiente, no qual a socialização é verdadeira e respeitosa. Pude conhecer quais os tipos de violências que existem arraigadas, também estruturadas dentro da sociedade. Porém as escolas têm um papel de mediação com as famílias identificando estes grupos para que juntos possam transformar a realidade em condições melhores de sobrevivência.

Os estudantes do IFTO, que aparentam alguma carência de atendimento específico, são encaminhados ao NAPNE (Núcleo de Atendimento de Pessoas com Necessidades Específicas), onde serão ouvidos por psicólogo, técnico em assuntos educacionais e também o serviço social, se colocarão a par da situação para tentarem resolver da melhor forma, na maioria dos casos as famílias são chamadas para analisarem juntos possibilidades de resoluções.

No decorrer do curso foi mencionado a trajetória das mulheres, citando as relações de gêneros em uma sociedade atual, que reproduz ainda na sociedade onde a repressão feminina precisa seguir um padrão de beleza física, que as mantêm em um enquadramento padronizado, para satisfazer uma sociedade que cobra regras em tudo, e ela mesma não as segue.

Nesse sentido os comportamentos impostados, que as subjugam a desenvolver inseguranças nas suas próprias autonomias, do modo de expressão possível a cada mulher, que nem sempre se queixam de retaliações, pois pensar e agir por si mesmas não é uma prática comum do cotidiano dessas mulheres. Elas foram submetidas a manter um perfil de acordar com uma violência estruturada embutida de preconceitos social, por ser mulher. De um modo geral, reafirmo que as mulheres em suas condições de submissão que viveram mantidas aquém de seus maiores desejos, os mais íntimos, estão atualmente encontrando seu direito de agir e falar.

Observei que teria possibilidades de compartilhar com outras mulheres, não só no meio familiar, mas também na sociedade, percebi que ao estar em um curso me possibilitaria uma forma de contribuir dentro da sala de aula, de como trabalhar com os alunos e as famílias com temas, com propostas de peças teatrais, trabalhando ludicamente essas questões, para que estes discentes venham através do Teatro, perceber os tipos de violências existentes dentro do contexto escolar, que muitas vezes prejudicam os processos de aprendizagem escolar e, por conseguinte a convivência no âmbito familiar e social.

Logo após o encerramento do curso Introdução Crítica aos Direitos Humanos das Mulheres, os participantes contribuíam com manifestações divulgando o aprendizado, o que colaborou para que demais pessoas se interessassem em realizar o curso, algumas discentes se juntavam para participar da ação. Devido ao fato de que anunciei meus anseios, divulguei a manifestação, para que o máximo de pessoas participassem, falei para as mulheres da comunidade, nas escolas que estagiava, alertei das possibilidades de fazerem leituras de notícias para inserir dados nos cartazes expostos, relatei a necessidade de identificar os problemas e conscientizar as pessoas com peças teatrais, dessa forma buscar as possibilidades de reverter os papéis, socializar com outros o que apreendi, tudo isso contribuiu para o êxito da manifestação, por conseguinte do curso de extensão.

Figura 1: Projeto ‘Introdução Crítica aos Direitos Humanos das Mulheres’



Fonte: Deice Silva Teixeira

1.2 AS MINHAS PERCEPÇÕES DEPOIS DO CURSO

Ao participar do curso de extensão: “Introdução Crítica aos Direitos Humanos das Mulheres”, após a culminância em uma pequena manifestação os participantes do curso com os servidores dentro do IFTO, foi possível fazer um balanço das minhas próprias vivências escolar e também familiar, nas quais sofri violências simbólicas praticadas por alguns discentes dentro da sala de aula, por não conseguir passar de ano, ou seja, repetente no 5º ano, minha professora não percebeu que meu maior problema estava no meu ambiente familiar.

Desta forma, pude perceber uma das violências que sofri, como sendo a “violência simbólica³” a qual não conhecia. Somente depois do Curso, ao levar para as mulheres da minha família, para que identificassem os tipos mais comuns dessas violências, foi que conscientizei da mesma. Questionando seus esposos, irmãos, tios, primos, enfim quase todos da minha família disseram que achavam normal, procurei esclarecer para eles que se trata de um crime.

Atualmente percebo que os órgãos existentes em minha cidade e também os núcleos específicos nas escolas, têm um papel de mediadores os quais vêm trabalhando as diversidades dos indivíduos na conscientização dos espaços. A convivência com o outro é necessária nas relações pessoais de cada um, para que se desenvolva o relacionamento interpessoal. Com as orientações pedagógicas e o apoio da comunidade escolar, com a participação familiar, percebe-

³ O conceito de violência simbólica foi criado pelo francês Pierre Bourdieu para descrever o processo pelo qual a classe dominante impõe seu modo de pensar ao resto da sociedade. Quando se fala em classe dominante, não se deve restringir a ideia ao processo econômico, há também o domínio cultural e intelectual (OLIVEIRA, 2015, p. 1).

se que as mudanças estão acontecendo gradativamente na formação escolar dos discentes, que aprendem a respeitar as diversidades de cada um, isso contribui para que esses discentes comessem a se perceberem dentro do ambiente escolar e familiar. Esse contexto de socialização faz grande diferença dentro das relações escolares.

Compreendo que se tivesse na época que estudei essa ajuda, dentro do ambiente escolar, não teria sofrido tantas violências simbólicas no contexto escolar. Minha mãe dizia para que revidasse do mesmo jeito que os agressores praticavam, isso me causou transtorno emocional de convivência, com aqueles que sofri, por parte de alguns discentes que se revoltavam na saída da escola.

Apreendi no curso de extensão citado, que possibilitou diagnosticar tudo que vivenciei, como o preconceito pela minha cor de pele, meus cabelos finos e volumosos e ser muito magra, isso dentro do ambiente escolar. Além disso, pude compartilhar com outras mulheres fora da Instituição como identificar essa violência que algumas não tinham percebido que também sofrem ou já sofreram. Como enfrentar as violências simbólicas que nunca tinha percebido dentro do meio familiar. Atualmente percebo quando estão querendo colocar à prova meu comportamento dizendo que, “mulher casada não deveria estudar a noite”, ouço, ou seja, ouvia, agora na fase que estou reconheço cada intenção, quando dizem algo querendo ocultar na fala com conselhos que são embutidos de preconceitos relacionados a violências, muitas vezes estruturadas, que não me auxiliam em minha formação intelectual.

Conhecer os órgãos existentes em minha cidade para me ajudar, respondendo dessa forma questionamentos que surgiram a partir do momento que comecei a ouvir comentários maldosos de indivíduos. Ao viajar nas visitas técnicas, ao cursar o Técnico Subsequente em Agronegócio e depois por estar em um Curso Superior noturno, tive que apreender a ter um posicionamento de empoderamento feminino, diante daqueles que achavam que eram donos da verdade, recomendando para não estudar. De um lado julgamentos, e de outro, palavras depreciativas em relação a minha pessoa.

Vale ressaltar que só hoje vejo que era uma violência simbólica praticada por aqueles mais próximos da minha convivência cotidiana, atos esses cometidos por pessoas que estiveram presentes em várias fases da minha vida.

Algumas vezes as falas vinham de comentários por parte de mulheres e homens do meio familiar, provocando minha indignação por colocar a prova meu caráter, dizendo que não era certo uma mulher casada e ainda com filhos, estudar a noite, insinuavam que eu era infiel.

Belkis Morgada em sua obra, “A Marca do Gado: Rótulo da Mulher” traz em sua fala esses comportamentos da sociedade em relação à mulher. Em sua visão da época, relata:

A avaliação da mulher é sempre feita em função do ela foi e do ela é, e se verifica é que muito pouco mudou até hoje em termos de restrição ou limitações-elas permanecem as mesmas de sempre. Há sempre esperança, no entanto, de que alguma coisa mude e, no futuro, as mulheres tenham conquistado em espaço e uma liberdade própria. (MORGADO, 1987, p. 20-21)

Sobre a colocação de Morgado quanto à avaliação do comportamento feminino, concordo que o meio interfere em nosso comportamento, pois sou o resultado da minha criação, até pouco tempo tinha comportamentos machistas, por estar inserida em um ambiente onde o preconceito predomina, muitas vezes somos afetados por ele, e comigo não foi diferente. Mudei, e já estava na hora, ao mesmo tempo não significa que não venho lutando para minha liberdade de escolher minha profissão.

Ao me casar acreditava que minha vida seria de total “acorde”, porém vida de casada não é fácil, pois temos que conciliar os afazeres do lar e a vida acadêmica. Até hoje, mesmo com tanta modernização em pleno século XXI, ouço sempre, “isso não é coisa de mulher casada com quarenta anos, você não é mais uma menininha”. Recentemente verifiquei que grande parte das mulheres do meu convívio particular tem esse comportamento, ainda pensam assim, resultando em processos que vem de geração em geração, transportes de ideias que tive que adequar na minha adolescência, reaprender, reconstruir de acordo com as diversas descobertas de uma nova mulher.

Em minha criação não pude mudar aquele padrão familiar, no qual fui criada, mas através de aprendizados adquiridos nos cursos de extensão, no Instituto, procurei repassar buscando sempre combater esses preconceitos. Nas apresentações em eventos fora do IFTO, foi diminuindo desenvolvendo-se possibilidades para trabalhar o Teatro como forma de conhecimento. Somente agora em minha atual maturidade, com a contribuição da mulher que me tornei com um padrão de comportamento que quero escolher para minha vida, pois na maioria das vezes as inovações dos novos padrões de comportamentos causavam-me estranhamento, nada que não superasse.

Nas carências existentes que mencionava, ao fazer dezoito anos queria sair pelo mundo sozinha, ouvia os comentários, “começa, isso não vai dar certo”. Logo os julgamentos vinham de todos os aspectos “lugar de mulher é na cozinha, saber lavar uma roupa, arrumar casa, fazer bolos, e com perfeição”, enfim esse era o papel da mulher na visão da minha família, mães solteiras na família, jamais, era uma vergonha.

Referente à educação sempre tive muitas expectativas, porém surgem questionamentos, “como trabalhar com os educandos e as famílias abordando essas temáticas?”. Uma forma de contribuir dentro da sala de aula é com propostas de peças teatrais e trabalhando ludicamente

para que estes estudantes identifiquem os tipos de violências que são passadas e levados para as escolas, prejudicando no seu processo de aprendizagem.

Pois, “cremos que a escola é o lugar de formação da pessoa e o espaço do encontro de distintos saberes que associados evidenciam a realidade do homem sobre a terra” (SANTOS, 2011, p. 62).

Segundo esse autor, “no Brasil o Ensino de arte é amparado por lei. Os arte-educadores tem uma longa trajetória de lutas para a defesa da arte como parte da existência humana e necessárias no ambiente escolar” (SANTOS, 2011, p. 63).

Pensamento que me fez lembrar intervenções realizadas pelos servidores do Curso “Introdução Crítica aos Direitos Humanos das Mulheres”, que propôs confeccionarmos cartazes temáticos usando uma faixa preta como mordaca. Mostrando a realidade vivida por tantas mulheres dentro das famílias de todas as classes sociais. Além disso, o curso teve uma Manifestação silenciosa marcando atividades da disciplina “Direitos Humanos”. A busca dessas mulheres na comunidade, o que mais queria para contribuir com essa experiência, era que despertasse nelas fatores que identificassem algumas dessas “Violências Simbólicas”.

Talvez, aos poucos estejam ocorrendo mudanças na minha família em outras gerações. Não é tão fácil, pois tem uma violência já estruturada de comportamentos aceitos por parte de alguns dentro da minha família, que acham natural mulher sofrer agressão doméstica, pois suas mães passaram como esposas agora elas passam a vivenciar a mesma trajetória. E também ouvindo as queixas das filhas aconselham a aceitarem seu casamento como é, dizendo que “o homem é assim mesmo minha filha, se está ruim com ele, pior sem ele”, e ainda completa “quem vai dar o alimento para seus filhos? Você não tem como se sustentar”.

É importante que as mulheres se conscientizem de seus direitos, pois as vezes por medo, comodismo ou imposição, acreditam na frase feita: “homem é assim mesmo”, aceitando as diversas formas de violência, poderão não ter volta sua integridade física e moral. Se faz necessário procurar as autoridades, não aceitar o primeiro “empurrão”, para não tornar em mais uma estatística de dados de morte, pois muitas vezes as violências simbólicas para se tornarem físicas é questão de minutos.

2. OBRIGATORIEDADES PARA SER MULHER

A pesquisa apresentada aqui vai tratar da busca pelo espaço, suas inquietações, a busca pela igualdade perante a sociedade, sem distinção de gêneros. Um dos assuntos citado aqui faz referência ao fato da discriminação da mulher, momento em que a publicidade exigia que somente homens publicassem em revistas e jornais. A autora relata as dificuldades que as mulheres enfrentavam quando se percebiam escritoras, relatoras e criadoras de ideias. Uma mulher publicar alguma obra literária produzida por ela, com seu nome, ou mesmo estudar, era considerado impossível. No entanto, a autora relata vários episódios em que a mulher foi submetida a viver calada por séculos. Utilizando da figura de um homem para conseguir compartilhar suas ideias através de livros. Neuma Aguiar reforça essa ideia quando diz:

Muitas filhas, mães, esposas ou amantes escreveram à sombra de grandes homens e se deixaram sufocar por essa sombra. As relações familiares, hierarquizadas e funcionais, não incentivavam o surgimento de outro escritor na família, principalmente se a ocorrência vinha de uma mulher. (AGUIAR, 1997, p. 87)

Neuma Aguiar relata algumas histórias de mulheres que não tinham autonomia da sua própria vida, e muito menos o direito de reclamar, pois não tinham para quem reclamar. Não havia nenhuma lei que as resguardassem. Mostra como a mulher teve momentos de sofrimento, e desrespeito por parte de uma sociedade controlada por homens, e com participações religiosas junto à sociedade dominante. A autora ainda afirma que desde os primórdios mulheres tiveram que calar, muitas vezes para não serem consideradas loucas. Quando reclamavam, eram trancafiadas dentro de sanatórios pela própria família, ou quando eram casadas seus maridos conseguiam que médicos testassem sua sanidade mental, comprovando a insanidade, o que acontecia na maioria das vezes, eram trancafiadas em conventos, isoladas até falecerem.

Percebem-se as lutas para que os direitos das mulheres sejam reconhecidos, dentro dos desafios impostos pela sociedade. O mercado de trabalho é um dos campos que até hoje fica nítido o machismo exagerado. São notórias as situações em que rejeitam a mão de obra feminina, única e exclusivamente por entenderem que a mulher deixa a desejar no quesito força braçal.

As mulheres vêm, através da evolução da espécie, lutando para sua afirmação como seres que têm dentro de si questões, que não foram respeitadas pelas sociedades em toda história

e isso fica claro na fala da escritora Belkis Morgado, em seu livro: “A Marca do Gado”, que relata:

Assim, desde o início dos tempos, a mulher foi programada para ser a metade complementar do homem produtivo; são treinadas desde cedo a serem adaptáveis e estimuladas a arranjar um pai protetor e, ao mesmo tempo, são também estimuladas a serem protetoras desses mesmos homens enquanto crianças. (MORGADO, 1897, p. 12)

Também na realidade atual é possível analisar acontecimentos direcionados à mulher, que colaboram no entendimento dessa citação, do porquê essas mulheres em vários períodos se mostram revoltadas e questionadoras da sociedade em que vivem. Seria o momento de criar meios de conscientização para que as mesmas não aceitem as agressões advindas da falta de informação necessária, ajudar essas mulheres a lidar com as diferenças que a sociedade ainda tenta colocar, fazendo com que a mulher se sinta inferior aos homens.

Em algumas regiões do Brasil as mulheres conseguiram, com protestos e se apresentando para o universo de trabalho de maneira eficaz, mudar essa realidade, como na região Sul e Sudeste, porém, nas regiões Norte e Nordeste ainda é grande o número de submissões femininas, principalmente nas comunidades mais carentes. Podemos encontrar informações a respeito na Síntese de Indicadores Sociais 2015 (SIS) disponível no *site* Agência IBGE Notícias com o tema “Desigualdades de gênero e racial diminuem em uma década, mas ainda são marcantes no Brasil”. Segue citação retirada da pesquisa:

É o que mostra a Síntese de Indicadores Sociais (SIS): uma análise das condições de vida da população brasileira 2015, que sistematiza um conjunto de informações sobre a realidade social do país, analisando os temas aspectos demográficos, grupos sociodemográficos (crianças e adolescentes, jovens, idosos e famílias), educação, trabalho, distribuição de renda e domicílios. Em relação ao rendimento, o estudo revela que houve diminuição da desigualdade de gênero na década. Em 2004, as mulheres ocupadas recebiam, em média, 70,0% do rendimento dos homens. Em 2014, essa relação passou para 74,0%. A maior diferença foi evidenciada entre mulheres em trabalhos informais, que recebiam em média 50% do rendimento daquelas em trabalhos formais. Entre os homens na mesma condição, a relação era de quase 60,0%. (AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS, 2015).

As mulheres atualmente têm uma jornada maior ao chegar em casa, muitas vezes exercem o papel de mãe e pai de seus filhos, algumas moram com seus pais e parentes que ficam com seus filhos para que possam trabalhar, há casos em que as mães conseguem creches ou escolas de tempo integral para colocarem seus filhos, porém nem todas têm essa oportunidade. Em relação aos estudos, algumas mulheres, membros de famílias com pouca instrução, não conseguem dar continuidade aos estudos, parando de estudar para trabalhar ou

para cuidar da casa e dos filhos. Algumas levam seus filhos para sala de aula por não ter com quem deixar.

A responsabilidade por serem mães precoces, nem sempre é contornada por todas, acontece dos pais de jovens deixarem sua filha sozinha com um bebezinho nos braços. Isso as obriga a sair da vida social e do círculo de amizade, deixando de conviver em sociedade, de participar de eventos direcionados a idade da pessoa. Outras se obrigam a trabalhar para manter seus filhos e ela mesma.

2.1 PROJETO: MENINAS DE LAÇOS

Antes de elaborar e executar o projeto “Meninas de Laços”, participei da oficina de Planejamento e Elaboração de Projetos Culturais com a ministrante Eliene Rodrigues de Oliveira serviu como dispositivo para acionar questionamentos existentes, porém adormecidos dentro de mim. Os materiais utilizados foram linhas, agulhas, tecidos, tesouras, com isso montou-se um arquétipo de ateliê de costura no Laboratório de Encenação, no *Campus* – IFO de Gurupi.

Todos os dias íamos para oficina, colocávamos as nossas ideias em alguns tecidos costurando nossos projetos, cada um ao seu tempo com a supervisão da ministrante Eliene. Os pontos de cada linha ia surgindo, cada participante apresentava seu projeto para os demais, expondo seu trabalho.

Figura 2 – costurando nossos projetos



Fonte: Eliene Rodrigues de Oliveira

Foi desse trabalho que surgiu o tema: Meninas de Laços, apresentado na oficina. Fiquei esperando a oportunidade de executá-lo e na disciplina de Projeto Interdisciplinar, pude colocá-lo em prática na Escola Estadual Hercília Carvalho da Silva.

O Projeto “Meninas de Laços” foi apresentado à escola, o mesmo teve como finalidade conhecer as dificuldades encontradas por alguns “Meninos e Meninas”, dentro da sala de aula, algumas com dificuldade na leitura, como afirmou o diretor, que aceitou de imediato o projeto. Apresentei o projeto referente às leituras dos livros literários juntamente com propostas em trabalhar improvisação, criação cênica, que seriam utilizados em futuros ensaios, jogos teatrais, expressão vocal, trabalho corporal, montagem de uma cena, tudo foi apresentado ao diretor no projeto mencionado.

O projeto interdisciplinar foi apresentado ao docente da disciplina, Profº. Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira. Os livros escolhidos foram os contos clássicos infantis. Foram escolhidas obras literárias. O projeto foi apresentado pela diretora da escola, Diretora Nicéia Francisca Costa de Camargo para as discentes. Os encontros eram dentro da biblioteca, e se iniciaram no dia 20/09/2017, com quatorze meninas e terminou com duas, no dia 05/12/2017.

No dia da apresentação do Projeto: Meninas de Laços tinham quatorze meninas, eram conduzidas para a quadra da escola somente quando terminava a aula de Educação Física, nesse dia ocorreu tudo bem, tivemos jogos com bastão utilizando as bolas nos jogos teatrais terminando com uma roda de conversas. Os encontros aconteciam das 07h00min às 10h00min.

Foi explicado a finalidade do Projeto: Meninas de Laços e o objetivo de se trabalhar teatro com aquelas pessoas. As regras tinham que ser respeitadas por todos, tanto nos jogos, como em todo o trabalho. O objetivo era exercitar a socialização entre aquelas pessoas, a coletividade e o respeito mútuo. Logo depois iniciamos com jogos utilizando de bastões, inserindo no jogo bolas, cordas em outros momentos, objetos com propostas para improvisação, assim antes do término era deixado alguns minutos para explicar o objetivo de cada proposta executada.

A hora do lanche era o momento ideal para dialogar com cada uma, ouvir suas considerações, pois acredito que esses momentos de troca de conhecimentos entre quem ensina e quem recebe permite que todos aprendam juntos, no processo de compreender melhor. Essas atividades ocorriam de formas lúdicas, em círculos com a leitura de obras sugeridas, também propostas pelas discentes que apresentavam para improvisar as falas, trabalhando seus personagens, visando o processo de ensino aprendizagem em Teatro, e várias linguagens.

Este projeto veio contribuir com a realidade de meninas que não tinham contato com esse modelo de projeto, ajuntamento com o teatro utilizando os métodos de jogos interativos,

grupais ou individuais, colaborando com a realidade escolar nos processos da aprendizagem. Sendo assim Isabel Cristina Auler Pereira e Maria José de Pinho mencionam: no livro *Perspectivas da Formação docente: o programa Parfor em foco* reforça trazendo o pensamento de Perez Gomez:

Na perspectiva prática o professor deve ser visto como um artesão, artista ou profissional clínico que tem de desenvolver sua sabedoria experiencial e sua criatividade para enfrentar as situações únicas, ambíguas, incertas e conflitantes que configuram a vida da aula. A formação do professor se baseia prioritariamente na aprendizagem da prática, para a prática e a partir da prática (PERÉZ-GÓMEZ, 1998, p. 363 apud PEREIRA; PINHO, 2017, p.183)

As aulas práticas desenvolvem as experiências a solidariedade com a arte de ensinar com teatro, possibilitam percepções, participação, orientação, solidariedade, emoção e a transmissão de sentimentos, dentro das escolas. No entanto as relações de estudantes e professor tem um papel importante, para que todos possam trocar conhecimentos, o professor e o discente apreendem juntos, na arte de ensinar.

O Projeto: “Meninas de Laços” teve por finalidade construir, com esses momentos de percepções, um caminho de aprendizado prazeroso. Para compartilhar conhecimento é preciso romper com as paredes escolares, com isso desenvolvendo métodos com objetivo de multiplicação de conhecimentos. Uma troca de saberes.

Aos poucos, por um motivo ou outro as meninas foram se ausentando do trabalho. Por isso as atividades tiveram que ser adaptadas, para que continuassem dentro da escola, ficando somente o espaço que restava a biblioteca, um lugar que os estudantes precisam buscar livros o tempo todo, não tinha como interromper a entrada deles e isso atrapalhava o fluxo do trabalho.

Para executar o projeto, busquei parceria com o Projeto: Vamos ler com dois professores, Sônia Maria Rodrigues Reis e o docente Alexandre Pereira Tolentino, da Escola Estadual Hercília Carvalho da Silva. Ao apresentar a caixa com 29 livros, as estudantes não gostaram, dizendo que se fosse para estudar mais não interessaria, pois já estudavam a tarde inteira.

Continuei levando a caixa em todos os dias dos encontros. Na primeira tentativa não tive resultado, não desistindo de colocar em cima da mesa da biblioteca, na expectativa que alguém se interessasse, fora a caixa e os livros expostos para que visualmente elas pudessem percebê-los, gostar de algum tema, de, pelo menos, um daqueles vinte e nove.

Figura 3 - apresentação das obras literárias como proposta para a culminância



Fonte: acervo da autora

A escolha deste Projeto “Meninas de Laços” começou a despertar dentro do contexto escolar o interesse pelo fazer teatral, ao inserir as obras para essas meninas, com idades entre nove e dezesseis anos, na biblioteca, em meio a tantos livros, surgiu a interação entre o grupo, algumas tiveram a iniciativa de propiciar as demais estudantes a possibilidade de olharem diferente para os livros que estavam ali todas as quartas-feiras. No Pibid Inovação e Criatividade no Processo de Ensino e de Aprendizagem do PIBID IFTO.

Se o aluno lê sem prazer, sem exercício da crítica, sem imaginação; se ele lê e não faz disso uma descoberta de conhecimento; se ele só reproduz, nos exercícios, a palavra lida do outro, não há nisso nada que lhe possibilite uma intervenção sobre aquilo que historicamente está posto. (SUASSUMA, 1995, p.52).

Restavam oito meninas, fui sugerindo fazermos leitura de alguns livros, isso ocorreu depois do quinto encontro. As discentes leram primeiro o livro: “Rapunzel” e “a Bela Adormecida”, foi proposto a culminância com esses livros, as cinco integrantes que estavam presentes aceitaram a proposta apresentada. De acordo Silveira et al, apud Waleska M.da Silva e Shirley T. Gobora.

O teatro pode ser o ponto de partida para despertar o interesse, divulgar informações e popularizar de forma lúdica o conhecimento das ciências, possibilitando uma melhor “leitura do mundo” e consequentemente diminuindo o analfabetismo científico ainda existente em nosso país. (SIVEIRA et al, 2009, p. 251 apud SILVA; GOBORA, 2015, p. 31)

Pode-se observar nas práticas o desejo que os estudantes têm em colocar na prática o que aprenderam ao utilizar os objetos como propostas, criam suas histórias abrindo possibilidades para identificar suas dificuldades. Isso não os deixa intimidados, eles fazem o que foi proposto e fica a percepção que todos têm capacidade e conhecimento empírico a ser instigado para o fazer teatral.

Gradativamente os objetivos foram sendo alcançados no decorrer do projeto. Os adolescentes foram ficando mais comprometidos com o trabalho, eles mesmos escolheram o dia que queriam trabalhar. A construção coletiva foi essencial, os objetivos de alcançar resultados, o crescimento, foram alcançados, nas diversas semanas que durou o projeto, momentos marcantes em cada acompanhamento do desenvolvimento para as discentes, que continuaram indo, todos os dias combinados, sempre compromissadas, a cada encontro percebia-se os olhos brilharem ao participarem do “Projeto: Meninas de Laços”.

Ao término da apresentação as discentes questionaram se iam continuar com o trabalho, depois da apresentação alguns mencionaram que algumas meninas mudariam de escola, outra parte ficou em horários diferentes de aula, um fato que chamou minha atenção foi que uma das discentes se recusava a deixar o projeto.

O que ficou claro foi que houve um melhor entendimento por parte dessas discentes, sobre o fazer teatral, obtivemos condições de trabalho dentro do ambiente escolar, repensar como as disciplinas precisam superar essa falta de espaço. As falhas das discentes em relação as leituras feitas com livros da escola serviram de alavanca para que muitas tomassem gosto pela leitura com os temas clássicos, vivências que precisam se manter, até o fim com utilização de momentos como esse, a arte, na prática fez a diferença nas experiências dessas pessoas nos dois meses de projetos.

A execução do projeto interdisciplinar mencionado anteriormente, só foi possível em função das vivências que tive no Estágio do Curso Superior Licenciatura em Artes Cênicas, que possibilitaram colocar na prática, em sala de aula, o que aprendo, e como repassar faz toda diferença na hora de ensinar. As dificuldades em ajudá-las utilizando o teatro na relação entre as discentes mostrou que melhorou significativamente, favorecendo os encontros, permitindo uma participação de forma prazerosas para as estudantes. As vivências delas no projeto mudou sua maneira de tratar as colegas de sala de aula.

Houve desmotivação no meio no do Projeto: Meninas de Laços, no entanto finalizei percebendo que a atual realidade das estudantes, sua familiarização com a arte foi relevante. Alguns familiares não permitiram que algumas participassem, diziam que a arte não “dá camisa pra ninguém”, diziam que o projeto não é profissionalizante, um projeto sem futuro.

Desse modo, as relações de respeito mútuo foram transmitidas entre cada avaliação, com rodas de conversas. Discutimos o que foi alcançado dentro dos encontros, as participantes passaram a se comunicar melhor umas com as outras, de forma respeitosa e generosa. As contribuições com estas estudantes de forma lúdica, com os Jogos Teatrais utilizados nos encontros como propostas de melhoria no processo ensino aprendido foi compensador, uma metodologia instigante, prazerosas e as leituras de livros literários, que despertaram nas educandas um processo interessante, favorecendo a leitura, pois os atores ativos no processo se apresentam mais presentes e conscientes. Utilização de leituras de livros literários, recortes de revistas para um melhor resultando em uma exposição no mural da escola.

Figuras 4 e 5– trabalho com recortes/ trabalho pronto exposto no mural da escola



Fonte: acervo da autora

Os objetos levados para contação de histórias eram muitos, contadas para auxiliar no improviso e interpretação, depois das leituras se interessavam em colocar na prática, nas cenas que improvisavam as leituras realizadas, inserindo objetos nas contações de histórias.

O contato e improvisação permitiu a criação de pequenas cenas, com figurinos que fornecia, os mesmos facilitavam as interpretações, e resultou em uma culminância para a coordenadora pedagógica da escola e com o professor da disciplina Projeto Interdisciplinar; Brenno Jadvas Soares Ferreira.

Figuras 6 e 7 – momento de preparação para apresentação



Fonte: acervo da autora

Com isso compreendemos em experimentar outras formas de repensar como promover um projeto com a realidade do ambiente que já existe uma forma didática, que esse projeto vai ter seu tempo de acontecer e juntar tudo que os discentes têm de conhecimento escolar e respeitar as suas experiências de aprendizagem repassadas pelos professores. Na fala de Boal compreendemos que tem outras possibilidades de ensinar, quando reforça que:

O “conhecimento” consiste em que nos elevemos através da dialética – isto é do debate das ideias postas e contrapostas das ideias e das negações dessas mesmas ideias que são por sua vez outras “ideias – desse o mundo realidade sensível até o mundo das ideias eternas. Esta ascense é o conhecimento. (BOAL, 1991, p.26)

O que ficou claro foi a motivação nos momentos de trabalho, houve um melhor entendimento por parte dessas discentes sobre o fazer teatral percebendo que a junção da leitura com o teatro proporciona condições para recriar dentro do ambiente escolar. Foi perceptível que é preciso repensar essa falta de interesse dos discentes em relação às leituras, procurando incentivá-lo propondo outras dinâmicas de leitura na escola. Com esse grupo foi válido, despertou o interesses pelo fazer teatral, e as leituras com os temas clássicos contribuíram para que muitas tomassem gosto pela leitura, vivências que ressaltaram como a arte, na prática fez toda diferença em contribuir com essas discentes.

2.2 O TALENTO NO MERCADO DE TRABALHO

Algumas mulheres precisam provar que têm talento para serem contratadas por empresas, pelo simples fato de serem mulheres, sofrem com um sentimento “antiquado⁴”, de que mulher “deixa a desejar”, principalmente no quesito “força braçal”. O homem é considerado mais capaz, mesmo que não tenha se dedicado a estudos que uma mulher se dedicou, digo isso falando da realidade do Estado do Tocantins. A publicação com o tema “Mulheres ganham em média R\$ 190 a menos que homens no Tocantins” no *site* “Surgiu”, esclarece com dados essa diferença:

As mulheres do Tocantins têm média salarial inferior a dos homens, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego. Os rendimentos delas ficam R\$ 190 abaixo dos deles para funções semelhantes. Os homens têm média de R\$ 2.734,24 e as mulheres R\$ 2.544,24. A diferença nos salários deles e delas no Tocantins é menor que a diferença média nacional. Em todo o Brasil, elas ganham R\$ 477,89 a menos que eles. Na região Norte, o estado fica em uma posição intermediária no ranking, acima de Amazonas, Rondônia Roraima e Amapá, mas abaixo de Acre e Pará. (G1 TOCANTINS, 2018)

Ao compararmos o nível escolar entre as mulheres e homens, percebemos que embora o nível salarial da mulher seja inferior, seu nível escolar é superior ao dos homens, deixando o questionamento com relação à capacitação, ou seja, mesmo que as mulheres se apresentem com maior capacitação, isso não eleva seus salários, permitindo que os homens sejam favorecidos na questão salarial, isso é, menos estudo, maior salário. Essa percepção também se refere aos cursos de capacitação, os mesmos apresentam uma participação considerável do público feminino, esses dados nem sempre são considerados no momento de uma contratação de empregadores preconceituosos que avaliam a figura da mulher como fragilizada perante o mercado de trabalho.

Junto às conquistas profissionais as mulheres trouxeram as violências sofridas por algumas dentro de seus lares, a abuso doméstico. Buscando soluções surgiu a “Lei Maria da Penha”⁵, criada para combater a violência contra a mulher, a mesma completa 11 anos. Apesar disso, os números desse tipo de crime no Tocantins continuam a assustar.

As mudanças de políticas públicas precisam se intensificar dentro das escolas, seria uma das formas para que meninos e meninas se respeitem desde cedo no seu próprio âmbito familiar,

⁴ Antiquado - Aquilo que está ou se encontra obsoleto; antigo, fora de uso: pensamentos antiquados. Segundo o Dicionário Online de Português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/antiquado/>>. Acesso em 14 de abril de 2017.

⁵ BRASIL. **Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009.** Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei no 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm. Acesso em 30 Mai. 2018.

para essa consciência de seus direitos como ser humano seja garantido perante a lei, pois essa luta não é só do sexo feminino. Não querer comparar força física, não generalizar ao se referir ao sexo feminino como sendo “frágil para determinadas funções de trabalhos”, pois pode-se dar as funções para que exerça como na agricultura os profissionais no mercado de trabalho, e sim reconhecer que as potencialidades intelectuais como homem e visto perante a sociedade.

Isso só terá êxito quando as possibilidades de igualdade salarial forem a mesma ao executar qualquer trabalho. Dessa forma as condições de trabalho têm que ser iguais, para quaisquer das funções. Com isso essas áreas, que até pouco tempo, eram ocupadas somente por pessoas do sexo masculino, são ocupadas por ambos os sexos, sendo elas: a política, medicina, engenharia e direito, sem falar nas cientistas do sexo feminino. Podemos perceber através da pesquisa, “A evolução dos direitos da mulher no Brasil”, que:

Com o advento da Constituição do Império do Brasil de 1824, as mulheres conseguiram expressamente o direito de estudar, contudo, apenas no ensino primário básico, e assim, com uma desigualdade entre os sexos em dado momento, o Estado foi avançando sem citar a mulher na sua condição jurídica, o que perduraria até a Constituição da República de 1934. Tal Carta Magna veio a proibir distinções ou privilégios em razão de sexo, pela primeira vez no Estado Brasileiro, houve referência explícita do Princípio da Igualdade, que outrora era apenas citado de forma genérica, entretanto, nas Constituições de 1937 e 1946, o referido princípio voltou a ser citado. A condição jurídica da mulher começou se firmar na sociedade brasileira com a Constituição de 1967, perdurando até a Magna Carta de 1988, que por sua vez explicitou tal igualdade em vários de seus dispositivos, em uso até os dias atuais, como o artigo 5, inciso I que determina que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. Concomitante, Art. 5º, II – Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei. O voto, que antes era proibido à mulher, agora toma novos rumos na sociedade brasileira. Sendo uma das mais importantes conquistas, a mulher vem ganhando espaço na democracia, onde além de conquistar o direito de votar, agora também conseguiram conquistar os mais diversos cargos eletivos, como vereadoras, prefeitas, deputadas e inclusive presidentes da república, a representação no legislativo leva voz a muitas mulheres na defesa desses direitos. (AGRO MULHER, 2018)

Ao analisar as lutas diárias que mulheres fazem em conciliar o mercado de trabalho e seus estudos causam uma sensação de poder, pois as possibilidades de concluir os estudos, uma graduação, para algumas que tiveram a chance de estudar, era remota. Hoje as mesmas estão indo para as salas de aulas com seus filhos criados, vão em busca de terminar seus estudos, chegando a fazer o ENEN para entrar em curso superior. Algumas passaram ou continuam vivenciando essa realidade. Ainda segundo o pensamento de Belkis Morgado vemos um exemplo dessa realidade:

Na maioria das vezes é a figura apagada atrás do cientista; é a que espera roendo as unhas que o explorador ou descobridor volte para casa são e salvo acrescido de mil e uma experiência maravilhosas e enriquecedoras. Assim a mulher torna-se resignada

ou revoltada neurótica, na maioria das vezes, condicionada a não agir tentar, não inventar, não descobrir nada (a não ser receitas de cozinhar ou de artesanato). (MORGADO, 1987, p.12).

Penso que algumas mulheres tiveram suas escolhas respeitadas ou não, foram elas questionadas em todo período da história, suas inquietações na busca pela igualdade intelectual e profissional, uma época onde as mulheres que quisessem estudar não tinham sequer chance e quando as tinha não desperdiçavam. Nesse sentido de querer estudar principalmente no campo das ciências era quase impossível, essas mulheres serviram de exemplo para impulsionar outras a buscar seus objetivos e lutar pelos sonhos.

Podemos ver isso na década de 1960 a 1970 a mulher buscou sua autonomia nas suas escolhas o direito por igualdade salarial como os homens. Neste mesmo período a mulher teve a liberação de escolher quando engravidar com a chegada da pílula anticoncepcional, trazendo condições para que ela conhecesse seu corpo, seus desejos sexuais era um tabu dentro das famílias e casamento. Logo mais as questões intelectuais e condições da mulher nesse período foram surgindo, assuntos referentes com algumas autoras de livros como “O Segredo Sexo” de Simone de Beauvoir e depois “A mística do Feminino” de Betty Friedam.

Quando penso que muitas mulheres não tiveram a oportunidade de estudar ou não concluíram seus estudos, principalmente por que não tiveram oportunidade para fazer uma graduação que desejavam, algumas que tiveram a chance de estudar, se percebem submissas aos desejos do pai ou marido, tendo que acatar ordens e estudar o que eles apontavam, ou até mesmo deixarem os estudos.

Algumas mulheres passaram ou continuam vivenciando essa realidade. Nas falas de Neuma Aguiar percebemos situações que demonstram o quanto a mulher foi sufocada pela sociedade machista. Encontramos as mesmas percepções quando lemos Belkis Morgado. Ela afirma em sua fala a diferença dada quanto à educação de meninos e meninas:

A menina recebe desde cedo mensagens que a levam a não se considerar como valioso para espécie humana, a não ser sob o ponto de vista da reprodução _ não lhe é dado, no próprio sexo, exemplos a seguir _ o pai, os heróis históricos, os cientistas, os homens em geral, são pessoas que agiram, trabalharam, descobriram e inventaram. Não há exemplos de heroínas, cientistas, descobridoras para servir de modelo a mulher é sempre a ajudante, a secretária, a segunda. (MORGADO, 1987, p.12)

Em se tratando da elite a situação da mulher já era complicada, agora se tratando de mulheres de classe baixa, a situação era pior, as mesmas eram submissas à vontades dos pais ou maridos e não lhes era permitido trabalhar em empresas, a mulher tinha por obrigação cuidar da casa, dos filhos e do marido. Escrever suas ideias, então era fora de cogitação, a maioria

sequer tinha o direito de aprender a escrever, estas não teriam a menor chance de se tornar escritoras, por maior que fosse a vocação. Aguiar aponta ainda que:

Virginia Wollf, na fábula sobre Judite, a fictícia irmã de Shakespeare, reafirma e não há como discordar. Ela diz: “qualquer mulher nascida com grande talento no século 16 teria certamente enlouquecido, ter-se-ia se matado com um tiro, ou terminaria seus dias em algum chalé isolado, fora da cidade, meio bruxa, meio feiticeira, terminaria ridicularizada”. (AGUIAR, 1997, p. 88)

Em qualquer grau de intelectualidade muitas mulheres têm dentro deste ciclo competitivo um único objetivo, “provar que são seres humanos, e tem uma alma”, isso quando a própria igreja introduziu na sociedade que as mulheres não tinham almas, em muitos séculos atrás insistiam em afirmar perante a sociedade que as julgou e desprezou categoricamente qualquer manifestação marcante das diferenças das relações que essas mulheres viveram ou vivem. O escritor Wanderley Alves dos Santos em seu livro “Talento e Ensino” relata que:

No caso da Mulher talentosa, seguindo as evidências das na área, necessita de incentivos constante para fortalecer sua alta estima para que, incentivada, possa chegar aos níveis de excelência com seu talento. Atitude simples, como incentivos verbais, são de grande importância para que a mulher valorize sua capacidade. (SANTOS, 2011.p, 59)

Nesse sentido podemos perceber o quanto somos responsáveis enquanto educadores, devemos observar esses talentos na sala de aula, muitas meninas não conseguem se expressar por falta de oportunidade e algumas vezes não incentivadas em seus lares, ao chegar na escola se retraem com vergonha de manifestar seus pensamentos.

Nos estágios do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas, realizados pelos discentes do IFTO - *Campus* Gurupi, percebe-se que as mulheres são maioria, sendo que meninas é um grupo maior dentro da sala de aula. Nas intervenções que a regência nos permite trabalhar com os discentes, as contribuições na formação desses discentes, para que tornem criativos buscando as sensibilidades de cada um com a arte, para que perceba o quanto antes seus talentos, que muitas vezes só precisa ser estimulado dentro das escolas. Quando essa contribuição artística é inserida na docência, os resultados são diagnosticados com o comportamento dentro dos ensaios propostos pela estagiária (o) regente, percebe-se que a diferença vem sendo gradativa. Outro aspecto observado é quando um discente chega após uma apresentação e comenta: “professora a senhora me ensinou a gostar de atuar, gostar dos jogos teatrais, das expressões da fala, hoje eu não tenho medo de apresentar um seminário na aula de português”.

Da forma que o Teatro foi passado para mim nas aulas de Arte, em educação básica, jamais pensei que poderia gostar da arte de atuar, me sentir à vontade no palco, sem a preocupação com os olhares da plateia, “sentir-me uma atriz de verdade”, e isso reverberaria na Professora de verdade também, que consegue se expressar com clareza.

Tudo isso vem ressaltar a importância de as escolas utilizarem na formação dos discentes, já nas fases iniciais a Arte, com todas as suas vertentes, pois nesse primeiro momento é a fase da formação motora. As texturas, as leituras, as poesias das rodas de contação de histórias, com livros de ilustração para chamar a atenção das crianças vem somar, porém não pode ser algo isolado das práticas, pois o movimento o “estar em cena” que é enfatizado no teatro, contribui para o desenvolvimento, ao referir a estar em cena não estou colocando que a criança deva ser um “ator”, mas atuar no processo de ensino aprendizagem, de forma a trabalhar tanto a mente quanto o corpo.

Sendo que nas primeiras fases deve ser inserido de forma lúdica, no seu brincar a criança absorve e tudo isso fica nas “caixinhas” da mente. Por este motivo a Música, o Teatro, as Artes Visuais deveriam ser aplicados de forma continuada no decorrer da formação educacional até chegar à graduação independente de uma disciplina de Arte. Através da colocação do teatrólogo Augusto Boal, percebe-se que uma arte complementa a outro, quando cita que:

As artes e as ciências não existem isoladamente, sem que nada as relacione, mas, ao contrário, estão todas inter-relacionadas segundo a atividade própria de cada uma. Estão de certa forma hierarquizadas segundo a maior ou a menor magnitude de seu campo de ação. As artes maiores se subdividem em artes menores e cada uma destas trata dos elementos específicos que compõem aquelas. (BOAL, 2005, p. 48)

Desse modo fica evidente que as escolas só têm a ganhar ao incluírem as diversas formas de Arte em seu currículo, pois assim contribuirão para a formação dos discentes, os quais compreenderão desde cedo a relevância da Arte, sem ter aversão por algumas de suas vertentes devido à falta de contato.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a infância a partir do momento que iniciei minha trajetória escolar, surgiram inquietações ao tomar consciência da realidade que estava inserida, essas inquietações persistiram até a fase adulta, momentos esses que fizeram com que visse na educação a única forma preencher algumas lacunas que se formaram ao longo de uma vivência rodeada de preconceitos e apontamentos.

Continuando a trajetória estudantil, ao ingressar no Curso Técnico Subsequente em Agronegócio tive a oportunidade de conhecer o Curso Superior de Artes Cênicas, observando a trajetória dos acadêmicos vi que a arte traz subsídios para questionamentos do “eu” do “ser”, sendo assim ingressei no curso.

Após essa superação com todo conhecimento apreendido no curso compreendo a relevância da Arte para que nos percebamos como pensadores e críticos, até mesmo de nosso próprio conhecimento o qual precisa ser buscado a cada dia e a partir de novas descobertas poder repassar para outros não o conhecimento, pois cada pessoa precisa buscar construir conhecimento, mas como educadores devemos nortear os discentes rumo a essa busca. Creio que a Arte, que está ligada a tudo, tem grande relevância dentro do contexto escolar, porém ainda é desvalorizada e muitas vezes até tida como apenas um passatempo dentro das escolas.

A meu ver a forma como ela é repassada faz toda a diferença, Arte é “viva” e precisa ser trabalhada na prática, de forma dinâmica sendo acolhida pela gestão escolar objetivando a integração uns com os outros em benefício da aprendizagem.

Ao propiciar dessa compreensão que o teatro trouxe, pude proporcionar os mais diversos processos de reflexão da educação, trazer como elementos e métodos didáticos passando aos educandos possibilidades ao perceber nos processos educacionais. Ainda nos dias atuais percebe-se que meninas e meninos são vistos de formas diferentes. É perceptível quando uma menina responde verbalmente a mesma resposta alguns docentes dão atenção para o menino olhando diretamente para ele enquanto a menina fica falando sem ter êxito da sua resposta.

Essa perspectiva fez com que despertasse o anseio de buscar em livros, artigos atuais e antigos, para contribuir nessa pesquisa, além de informações de leituras busquei me inserir em Projetos de Extensões, como no projeto Crítica Projeto Introdução aos Direitos das Mulheres, no GuruImpro que é um grupo de Teatro Esporte e também no Projeto Melodrama: a Cena Ensina. Participando de apresentações em eventos dentro do Instituto, em escolas Estaduais e Municipais proporcionando respostas a mim e também instigando a repassar a outros.

Nesse movimento de pesquisadora provocou-me a desenvolver um projeto para meninas e meninos ficando somente meninas, foi colocado em prática o Projeto Meninas de Laços, ao terminar esse projeto pude perceber que contribuir de alguma forma com aquelas meninas, que relataram em suas falas que repassam para suas mães valores muitas vezes esquecidos dentro dos lares.

Creio que a contribuição em levar a Arte para as escolas por meio de projetos pode contribuir através do Teatro para aberturas para uma nova forma de construções dentro das escolas em relação ao professor Artista/Educador em trabalhar a Arte com a interdisciplinaridade dentro das escolas.

4. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Gêneros e Ciências Humanas: desafios às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Recorde dos Tempos, 1997.

AGRO MULHER. **A evolução dos direitos da mulher no Brasil**. Pesquisa publicada no *site* Agro Mulher em 2018. Disponível em <<http://agromulher.com.br/evolucao-dos-direitos-da-mulher-no-brasil/>>. Acesso 25 de março de 2018.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **SIS 2015: desigualdades de gênero e racial diminuem em uma década, mas ainda são marcantes no Brasil**. Pesquisa realizada pela Agência IBGE Notícias em 04/12/2015. Última Atualização: 25/05/2017 12:48:43. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/9626-sis-2015-desigualdades-de-genero-e-racial-diminuem-em-uma-decada-mas-ainda-sao-marcantes-no-brasil.html>>. Acesso em 14 de abril de 2018.

BEAUVOIR, Simone de. 1908-1986 2. Ed. **O segundo sexo**; tradução Sérgio Milliet. - 2. Ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v. Tradução de: Le deuxième sexe Conteúdo: v.1. Fatos e mitos - v.2. A experiência vivida ISBN 978-85-209-3913-0 ,1. Mulheres. I. Título. Acesso em 05 de março de 2018.

BOL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BOAL, Augusto. **200 exercícios Jogos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BACHELARD, Gaston. **A Formação do espírito científico**. 5ª reimpressão. Editora Contra ponto. 2005. 315 pgs.

CHACRA, Sandra. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CARVALHO, Marina Miranda de. **O jogo e a brincadeira nas aulas de Arte**. Disciplina Improvisação para o Teatro. Curso de Licenciatura em Artes Cênicas 2001. (IFAC/UFOP).

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**; Bassanezi Carla (coord. de textos). 8.ed – São Paulo: Contexto, 2006. Editora Contexto.

BELKIS, Morgado. **A marca do Gado: Rotulo da Mulher**. 1. ed. Rio de Janeiro: Marco Antonio Neder, 1987. 153 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. Editora Paz e Terra, 1996 (coleção leitura)

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Editora Vozes Limitada 197. Título original americano: The Feminine Mystique Copy right © 1963 by Betty Friedan. Tradução de Áurea B. Weissenberg © 1971 da tradução portuguesa by Editora Vozes Limitada Rua Frei Luís, 100 Petrópolis, RJ – Brasil. disponível em <<https://pt.scribd.com/document/140658213/A-Mistica-Feminina-Betty-Friedan>>. Acesso: em 26 de abril de 2018.

FOUCAULT, Michel, 1926 -1984 **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**/ Michel Foucault; tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque; revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque – Rio de Janeiro: Edições Graal .1984. (Biblioteca de Filosofia e história das ciências; v. n, 15).

FOCAULT, Michel. **História de Sexualidade. 3: o cuidado de si** / Michel Foucault: Tradução de Maria Teheza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhaon Albuquerque – Rio de Janeiro: Edições Graal ,1995.

G1TOCANTINS. **Mulheres ganham em média R\$ 190 a menos que homens no Tocantins**. Publicado no site Surgiu em 2018. Disponível em < <http://surgiu.com.br/2018/02/27/mulheres-ganham-em-media-r-190-a-menos-que-homens-no-tocantins/>>. Acesso em 10 de março de 2018.

GROTOWSKI, Jerzy. **O teatro laboratório de Jerzy Grotowski** 1959-1969. Textos e materiais de Jerzy Grotowski e Ludwik Flaszen com um escrito de Eugenio Barba. Tradução para o português Berenice Raulino - São Paulo Perspectiva: SESC; Pontedera, IT: Fondazione Pontedera Teatro, 2007.

OLIVEIRA, Renara. **Violência simbólica**. Postado em 19/03/2015. Disponível em <http://seculodiario.com.br/21877/14/violencia-simbolica-1>. Acesso em 10 de março de 2018.

PEREIRA, Isabel Cristina Auler e Pinho, Maria José (orgs). **Perspectivas da formação docente: o programa Parfor em foco**. Palmas / To: EDUFT. 500 p.:IL . color. 2016.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro/São Paulo. 7ª edição. 2017. 362 pgs.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro Completo 1**. Editora Nova Fronteira. 1981.

SANTOS, Wanderly Alves dos. (org). **Talento e Ensino**. Goiânia /GO: Editora Vieira, 2011.

SILVA, Waleska M. da e Gobora, Shirley T. **Teatro-Fórum: sequência didático e livreto para o ensino de biologia**. In Polyphonia / Revista de Pós-Graduação em Ensino no Educação Básica do Cepae UFG, v. 26, n 2, jul./ dez. 2015. Goiania Cepae/UFG Semestral.

STANISLAVSKI, Constantin. **A preparação do ator**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____ **A construção da personagem**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor** – 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; PUIGGRÓS, Núbia Rajadell. **Didática e Formação de Professores: Perspectivas e Inovações**. Goiania: CEPED Publicações e PUC Goiás, 2012.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. **Caminhos Arados Para Florescer Ipês: complexidade e transdisciplinaridade na educação**. 130 p.il. color. – homenagem à Maria Candido Moraes e suas obras. Palmas /TO: EDUFT, 2017.

SUASSUNA, Lívia. **Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papirus, 1995.